A PRIMEIRA TESE SOBRE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

«SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA: SEIN LEBEN UND SEINE PHILOSOPHIE» (A sua vida e a sua filosofia)

João José Louzada de Magalhães, o autor desta Tese, nasceu em Lisboa em 1857. Frequentou os melhores colégios — entre os quais o dos Jesuítas, durante dois anos — e, concluído o curso dos Liceus, continuou os seus estudos na Alemanha — para onde foi em 1873 — sob a orientação do Prof. Kerkhhoffs, entrando na Universidade de Bona em Abril de 1874. Nos três semestres seguintes dedicou-se ao estudo das Ciências da Natureza, tendo então de regressar a Lisboa. No curto curriculum que antecede a Tese, e em que estes dados são fornecidos, não indica, contudo, o motivo dessa interrupção, referindo apenas que só em 1879 prosseguirá estudos — desta vez em Paris — como aluno de Professores de nomeada, entre os quais Janet; mas sem que indique quais as matérias desses estudos. É lícito pensar que se trataria de Filosofia, pois logo a seguir refere que, depois da morte do Pai, regressa a Bona em 1880 e «continua os estudos de Filosofia», na sequência dos quais apresenta a referida Tese, «para obtenção do grau de doutor». Trata-se, obviamente, de uma dissertação de Licenciatura, que o autor dedica ao Português que, segundo o seu ponto de vista, no início do séc. XIX, mais se esforçou por «rasgar o manto de névoa» que, durante mais de dois séculos, devido à influência (má, subentende-se) dos Jesuítas, (apenas enfraquecida durante a época pombalina), se espalhava sobre o horizonte das novas ideias filosóficas — possibilitando assim à filosofia portuguesa seguir os seus próprios caminhos, libertando-se do passado.

Foi esse Português Silvestre Pinheiro Ferreira, «commendador da Ordem de Christo, Ministro e Secretario d'Estado honorario,

professor e Deputado ás côrtes, (...) Sócio honorario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Membro de Instituto de França, do Instituto Historico e Geographico do Brasil, e de outras corporações scientificas, litterarias, nacionaes e estrangeiras, etc.» (1) — o mesmo que, no início da sua carreira, ocupara os lugares de professor no Colégio das artes, em Coimbra, secretário da Embaixada, em Paris, depois exercera as mesmas funções na Holanda, estivera, em viagem de estudo, no Norte da Alemanha — entre Outubro de 1798 e Dezembro de 1799 permaneceu em Hamburgo, Berlim e Dresden, «aprendendo por essa ocasião a língua allemã e procurando adquirir grande cópia de conhecimentos botanicos» (2) e a partir de 1802 e até 1809 se estabeleceu em Berlim, como «Encarregado de negócios», consagrando «todos os momentos, que dos trabalhos officiaes lhe ficavam livres, ao estudo da mineralogia, com Karsten e Werner, applicando-se tambem á chimica e frequentando a sociedade dos investigadores da natureza» (3), que congregava as maiores celebridades berlinenses da época — para além de ainda ter seguido as lições de Fichte e Schelling, apesar de não as apreciar; de ter sido incumbido da aquisição de uma famosa colecção mineralógisa para a Universidade de Coimbra, mas que, por vicissitudes várias, acabou por ir parar ao Brasil; de, ainda, lhe ter sido confiada a tarefa de organizar, e fazer seguir para Lisboa, uma companhia de espingardeiros alemães, para em Lisboa ser instalada uma fábrica de espingardas (facto que acabou por determinar a sua ida para o Brasil, procurando receber as elevadas somas que na execução dessa tarefa dispendera, e cuja perda não podia suportar). O mesmo que, mais tarde, vislumbrando as intenções de Napoleão relativamente à Península Ibérica, aconselha a Família Real a ausentar-se para o Brasil — atraindo assim, sobre si próprio, a ira do Imperador, que exige a sua saída da Alemanha. E que ao morrer, ao cabo de uma existência extraordinariamente rica e exemplar, era considerado, por todo o mundo civilizado, «como sábio, como político, como escritor e publicista e ainda como

---

(1) Silva, Innocencio Francisco da — *Diccionario Bibliographico*, Tomo VII, Lisboa, 1862, pág. 259.

(2) Vasconcellos, A. A. Teixeira de — *Glórias Portuguezas*, Tomo I, Typographia Portugueza, 1869, pág. 9.

(3) Id., págs. 10/11.

homem honrado» (4). O que leva Lousada de Magalhães a lamentar o pouco caso que os portugueses fazem dos seus próprios filósofos, deixando os seus escritos nas Bibliotecas, enchendo-se de pó e caindo no esquecimento.

É dessa triste sina que Louzada de Magalhães pretende libertar Silvestre Pinheiro Ferreira, cuja memória perduraria então ainda em terras germânicas e francesas. Simultaneamente aproveita a oportunidade para fazer uma breve referência a alguns dos filósofos mais significativos da terra lusa.

Na «Introdução» que antecede o texto propriamente dito da sua dissertação, Louzada de Magalhães recorda Lopes Praça, cuja «Historia da philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia» (Coimbra, 1869), não conseguindo embora colmatar a brecha existente neste campo até então estranho às preocupações da sua pátria, facilitava, contudo, a investigação relativa aos filósofos portugueses mais antigos e notáveis, proporcionando valioso contributo para estudos mais aprofundados, procurando, desta forma, salvar do imerecido esquecimento muitos notáveis pensadores. (Louzada de Magalhães escreve este desabafo em 1881, lamentando ainda a falta de uma tradução da obra como uma das causas do esquecimento a que a mesma fôra também sujeita — não podendo imaginar que, 106 anos decorridos, seria reeditada; enquanto a sua própria dissertação teria de aguardar mais ainda — cerca de 110 anos — para ser arrancada ao esquecimento da biblioteca em que se encontrava e, trazida para Portugal, ser finalmente dada a conhecer, já que a referência breve que Lothar Thomas lhe faz, bem como algumas outras, de autores posteriores, não são de molde a despertar grande interesse; aliás, a maior parte delas limita-se a indicar o título e o nome do autor: e este nem sequer correctamente escrito, o que tornou, até, difícil a sua localização).

Dadas as circunstâncias, não era de estranhar que os intelectuais estrangeiros se mostrassem desconhecedores — logo, indife-

(4) Id., pág. III.

rentes — relativamente ao labor filosófico dos portugueses. Frequentemente confundindo quer os nomes quer as terras de origem destes pensadores, tocando apenas muito ao de leve os respectivos escritos — mesmo relativamente a um Sanches, por exemplo — em compactas obras de História da Filosofia, na Alemanha como em França. E contudo seria proveitoso seguir o desenvolvimento da Filosofia em Portugal, relacionando-a com a espanhola; analisar criticamente as características das suas doutrinas e tradições, de forma a elaborar um todo, digno do nome de «História da Filosofia em Portugal», que não desmereceria dentro da História da Filosofia em geral; antes mostraria que, algumas vezes, toda a Europa foi atravessada pela luz que deste cantinho da Europa emanou. Daí a conveniência de, antes da abordagem do pensamento de Silvestre Pinheiro Ferreira, serem salientados, embora brevemente, os nomes célebres de alguns daqueles que, ao longo dos tempos, em Portugal se dedicaram ao labor filosófico. É o que o autor passa a fazer.

Logo em 1276, mal terminada ainda a conquista do Algarve e feita a paz com Castela, sobressai o Papa João XXI, ou Petrus Hispanus, nascido em Lisboa no início do séc. XIII, no seio de uma família portuguesa — uma das personalidades mais conhecidas da Europa e um dos filósofos mais apreciados na Idade Média. Formado em Paris em Filosofia e Medicina, ambas aí ensinou também, enquanto ia escrevendo a maior parte das suas obras, entre as quais as famosas «Summulae» e o «Tractatus parvorum logicalium» — embora sem grande originalidade, mas notáveis pela clareza expositiva de doutrinas mesmo ainda hoje pouco compreendidas. Clareza tanto mais de apreciar quanto maior era então o papel desempenhado pela palavra, considerada como «a alma de tudo», na vida do Homem como na do sistema — para além, naturalmente, dos objectivos pedagógicos perseguidos.

Fundada a Universidade de Lisboa em 1290, intensifica-se a vida intelectual portuguesa: são os professores estrangeiros que vêm, as traduções que se fazem, a cultura que se divulga — todo um movimento que culminará no Rei D. Duarte, cujo «Leal Conselheiro» bem patenteia os conhecimentos enciclopédicos do autor, em campos tão díspares como a teologia moral, a medicina, a pedagogia ou a gramática.

O momento seguinte a que Louzada de Magalhães dedica a sua atenção é a época dos Conimbricenses — Manuel de Goes, Pedro da Fonseca, Sebastião do Couto, Baltasar Álvares — cujos trabalhos, pela importância de que se revestem, são referidos em todos os estudos que elegem Aristóteles por tema. Também é de referir a orientação anti-escolástica, centrada em Pedro Ramos e na sua querela com António de Gouveia, que não teria levado a melhor.

Finalmente, não poderia ser esquecido o médico e filósofo Francisco Sanches; é porém mencionado em último lugar nesta breve resenha do pensamento português com a intenção expressa de mostrar que é com a sua morte que as novas ideias chegam ao fim, e a Filosofia Portuguesa nele parou, entrando-se então num longo período de impotência intelectual sob o ponto de vista filosófico. A expulsão dos judeus por D. Manuel, a criação do Tribunal do Santo Ofício, a entrada dos Jesuítas e a perda da independência política são factores que para tal contribuem. Os Jesuítas, ao apoderarem-se da filosofia aristotélica, transformaram-na num bastião da Moral, fora da qual não poderia existir qualquer verdade ou sabedoria. A partir de então, a filosofia em Portugal transforma-se num somatório de teorias jesuíticas, graças ao auxílio e incremento dados pela Inquisição; reanimando-se um pouco aquando do impulso que Pombal dá à Nação, voltando depois a decair, embora menos — até que, no início do séc. XIX, alguns homens ilustres procuraram abrir-lhe novos caminhos. O primeiro e o mais conhecido dentre eles foi Silvestre Pinheiro Ferreira.

Louzada de Magalhães começa por considerar Silvestre Pinheiro Ferreira como não tendo irmãos, pois não encontrara qualquer referência em parte alguma. (Sendo verdade esta ausência de referências, também o é o facto de ter «casado, em segundas núpcias, com sua sobrinha, Joanna Felícia Pinheiro Ferreira — pelo que teve de ter um irmão, no mínimo). Os Pais, trabalhadores mas pouco bafejados pela fortuna, ao fim de muitas hesitações, tê-lo-iam destinado à carreira eclesiástica, «mais capaz de proporcionar uma posição social independente e despreocupada do que qualquer outra. Esta carreira, contudo, exige meios ou protecção; ora, não possuindo

os primeiros, de onde lhe viria a segunda? Omisso quanto a este «pormenor» refere, no entanto, a sua entrada, aos catorze anos, para a Congregação do Oratório. Aí, estudando afincadamente, chama desde logo a atenção dos seus superiores devido ao talento e compreensão patentes nos trabalhos que então elaborou — manuscritos só conhecidos por referência dos seus biógrafos, como a «Mémoire sur l'origine et les progrès des pantomimes chez les anciens» (que Larousse menciona, mas não Francisco Innacio da Silva) (5); nela que ataca doutrinas e pontos de vista dos Oratorianos, o que acaba por, aparentemente, constituir motivo para a sua saída da Congregação. «Expulsão» lhe chama Louzada de Magalhães, acrescentando que, ao abandoná-la, deixou também para trás a carreira eclesiástica — tinha recebido apenas «ordens menores» — preparando-se, então, para ser professor. (Teria escrito por esta altura as «Memorias e cartas biographicas autographas acêrca do seu tirocínio na Congregação do Oratorio, (1790), que também não foram editadas).

Durante algum tempo professor particular de Filosofia e História das Antiguidades, regressa a Coimbra em 1793 para leccionar, no Colégio das Artes, a cadeira de Filosofia Racional e Moral, a que se candidatara. «Inebriado por Bacon e Locke», defendendo abertamente doutrinas sensualistas, cujas novidade e ousadia levantavam grande celeuma, de novo foi perseguido, de tal modo se sentindo ameaçado que foi levado a embarcar, às escondidas, em Julho de 1797, num navio holandês que se dirigia para França. No entanto, devido a uma tempestade, o navio aportou a Dower — de onde, por questões políticas, não era possível seguir directamente para França. Pelo que só depois de uma breve passagem por Londres, e com a ajuda de Corrêa da Serra, se dirigiu à Holanda, daí transitando, finalmente, para Paris.

Em Den Haag, e graças à recomendação de Corrêa da Serra, conhece o ministro português António de Araújo, a quem o vai ligar uma longa e frutuosa amizade. Por seu intermédio, não só a fuga lhe é perdoada como também regularizada a sua situação, sendo inclusivamente nomeado para cargos diplomáticos, primeiro

---

(5) Magalhães, J. J. Louzada de — *Silvestre Pinheiro Ferreira — sein Leben und seine Philosophie*, Bonn, Universitaets-Buchdruckerei, 1881.

em Paris e depois na Holanda. Também com ele percorre longamente o norte da Alemanha e na sua companhia volta a Lisboa em 1802.

Em todas as terras por onde passara, sempre encontrara motivos de queixa contra a dureza dos vários regimes, cujas leis coarctavam tanto a liberdade individual do cidadão como os deveres de hospitalidade para com os forasteiros; bem como contra a polícia dos vários governos, que recusavam àqueles asilo contra as perseguições do fanatismo político ou religioso, ou da má sorte.

A sua permanência no estrangeiro influenciou decisivamente quer a sua carreira quer o seu percurso intelectual. A ela se deve o facto de se ter tornado um dos maiores publicistas de Portugal, e de tão grande utilidade à sua Pátria; mas também algum distanciamento da Filosofia, já que o pensador invulgar que nele inicialmente se adivinhava e que dera lugar a tão grandes esperanças, se foi pouco a pouco afastando do caminho inicialmente trilhado: alargando o seu campo de trabalho afasta-se também, passo a passo, do filósofo que era, à medida em que se vai tornando diplomata, político, erudito, jurista: trabalhos de natureza geral e publicística alternam com investigações especificamente filosóficas.

De Lisboa sai quase em seguida (1802), agora como Encarregado de Negócios na Corte de Berlim. Numa permanência de vários anos, desempenha um papel diplomático de grande importância, a ponto de Napoleão o ter mandado expulsar, por ter descoberto e comunicado ao Príncipe Regente de Portugal os planos do Imperador relativamente à Península Ibérica — aconselhando simultaneamente a Família Real a ausentar-se para o Brasil.

Casara, entretanto, com uma senhora alemã, de quem tinha já duas filhas. Mas não pôde permanecer mais na Alemanha — o que motiva o seu desabafo de que «o diplomata é encarado como um espião de categoria, mesmo conduzindo-se sem maldade e de acordo com a Lei» ([6]). Durante a sua permanência na Alemanha, «terra famosa sob vários pontos de vista, e desde Leibniz lugar clássico da Filosofia» ([7]), talvez tenha conhecido pessoalmente Fichte — cujas

---

([6]) Ferreira, Silvestre Pinheiro — *Noções elementares de Philosophia geral* — Paris, Rey et Gravier, 1839 (citado s/ n.° de pág.).

([7]) Ferreira, Silvestre Pinheiro — *Essai sur la Psychologie*, sec. éd., Paris, J. P. Aillaud, 1928 (citado s/ n.° de pág.).

lições, bem como as de Schelling, seguiu, embora não as apreciando — opondo-se-lhes, até, mais tarde, apesar de o optimismo daqueles estar bem patente no seu próprio sistema de Política e Economia.

Também nesse tempo estudou Direito com Klueber, Matemática e Ciências da Natureza — sobretudo Mineralogia — com Kostein, em Berlim e, depois, com o célebre Werner, em Freiberg. Aí comprou, para a Universidade de Coimbra, a esplêndida colecção de minerais de Pabst e Oheim (que acabou por ir para o Brasil, onde ainda se encontra, enriquecida com outras pedras, próprias daquelas regiões). Simultaneamente ia-se embrenhando no estudo da língua alemã, o que o levaria mais tarde, já em Paris, a compor o «Essai sur les rudiments de la langue allemande — tableaux systhématiques des terminaisons et des pénultièmes des noms et des verbes de la langue allemande et de la langue française» (1842).

Ao regressar a Portugal, a Família Real partira para o Brasil (8). No seu encalço segue também Silvestre Pinheiro Ferreira, onde, em breve, dava provas do saber e experiência adquiridos, valendo-lhe, então, a variedade das matérias estudadas. Apesar das suas muitas ocupações encontra ainda tempo para colaborar em jornais, escrever memorandos e documentos e publicar as «Prelecções Filosóficas» (1813), obra em que apresenta as ideias que em Portugal eram reprimidas mas que, bem vivas em França, atingiam, na Alemanha, perfeição e clareza.

Ocupando cargos políticos cada vez de maior responsabilidade — Conselheiro do Rei (que muito o estimava), Embaixador, Ministro, é com a Família Real que regressa a Lisboa, coadjuvando o Rei ainda durante algum tempo. Acaba, porém, por pedir a demissão de todos os cargos que ocupava (na sequência de divergências quer com o Rei quer com as Cortes), abandonando o país e exilando-se voluntariamente em Paris.

Só então começa, verdadeiramente, a carreira de publicista notável em que em poucos anos se tornou. Trabalha sem descanso em obras de Direito e Jurisprudência, Sociologia, Administração Pública, Economia, dá lições e escreve obras de Filosofia — que

---

(8) Louzada de Magalhães indica o ano de 1810 como data de regresso a Portugal de Silvestre Pinheiro Ferreira — data em que a Família Real há muito se encontrava no Brasil, para onde embarcara em 27/11/1807, cf. Damião Peres, *História de Portugal*, vol. VI, Barcelos, Portucalense Edit., 1935, pág. 324.

poderiam ter sido muito mais valiosas, não fossem as condições da sua vida aventureira e errante.

Regressado a Lisboa em 1842, depois de eleito pela terceira vez para deputado, é recebido com todas as honras. Continua a escrever, procede à revisão das suas obras e dedica-se ainda a auxiliar um entusiástico grupo de jovens dedicados ao labor intelectual, e que, congregados à sua volta, formaram a Academia de Sciencias e Letras.

Morre a 1 de Julho de 1846, aos 76 anos, estimado e respeitado por quantos o conheceram — o mesmo que, cinquenta anos antes, fora apodado de jacobino, livre pensador e conspirador.

A análise que Louzada de Magalhães faz da filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira baseia-se, segundo diz, no «Essai de Psychologie» e em duas edições — uma em Português e outra em Francês — das «Noções elementares de philosophia geral e applicada as sciencias moraes e politicas» (Paris, 1839), e «Précis d'un cours de philosophie élémentaire. Ontologie, Psychologie, Idéologie» (Paris, 1841). Obras que, embora não permitindo um estudo aprofundado do pensamento do autor, eram as que lhe foi possível obter, dada a dificuldade e, mesmo, impossibilidade de encontrar outros escritos, nomeadamente as «Prelecções philosophicas», das quais refere: «foi completamente impossível conseguí-las. Impressas no Brasil, poucos exemplares foram tirados e tornaram-se hoje numa raridade». E acrescenta que Lopes Praça, que teve a sorte de as conhecer, afirma conterem as mesmas «algumas doutrinas não só de considerável importância como, mais ainda, com marcada originalidade» (9). (Já relativamente às «Noções elementares» a sua opinião é diferente: a maior parte das questões são tratadas em curtas definições, ligadas ao sensualismo, acrescentando-lhes algumas considerações. Porque se destinam a serem decoradas pelos alunos, procura torná-las mais claras e compreensíveis com as tabelas, ou mapas sistemáticos, que as acompanham. Apostado numa renovação do ensino em Portugal pretendia, com esta obra, substituir os velhos compêndios usados há mais de meio século).

(9) Praça, J. J. Lopes — *História da Filosofia em Portugal*, Lisboa, Guimarães e C.ª Editores, 1974, pág. 38.

Tendo o «Essai...» sido escrito em 1824, com a intenção de concorrer a um prémio proposto pela Real Academia das Ciencias, de Copenhague, e submetido ao título «Qual a verdadeira noção de Psicologia e qual a sua relação com as ciencias que a ela se ligam? Será de admitir a distinção entre Psicologia empírica e racional, que os cientistas querem estabelecer?», mas não tendo sido enviado devido à impossibilidade de respeitar o prazo imposto, publica-o Silvestre Pinheiro Ferreira apesar disso, por estar convicto da importância da questão. Pensa Louzada de Magalhães que os contratempos surgidos mais não foram do que as múltiplas tarefas a que sempre se dedicou — enquanto a publicação levada posteriormente a cabo, acompanhada de numerosas notas e citações, lhe dá oportunidade de tratar não só aquele tema como muitos outros, de natureza filosófica, apresentando os seus pontos de vista sobre as mais variadas matérias; aproveitando, inclusivamente, ideias já antes transpostas para o papel, por isso resultando a obra num todo um tanto desordenado. Opinião que vai retomar no final do trabalho.

Dada a confessada impossibilidade de acesso a outras obras ([10]), Louzada de Magalhães apoia-se essencialmente no «Essai...», começando a análise do que lhe parece ser o sistema filosófico de Silvestre Pinheiro Ferreira «pelas palavras que ele coloca na última página» (126) desta obra: «não há qualquer ideia, qualquer conceito, qualquer conhecimento que não derive da sensação ou da faculdade de julgar» ([11]). A partir do que lhe parece óbvio remetê-lo para o sensualismo, desde logo «suspeitando qual a direcção que irá seguir no tratamento das questões filosóficas». E contudo, nem na última página do texto do «Essai...» — em que o autor conclui, relativamente às designações de Psicologia empírica e racional, ter seguido as doutrinas dos filósofos mais ilustres de todos os séculos e de todos os países, «à cabeça dos quais se encontram Aristóteles e Cícero, entre os antigos, Bacon, Locke, Leibniz e Condillac entre os modernos»; nem na última página das Notas, se encontram estas palavras. Elas estão, sim, no parágrafo 240, pág. 123, na sequência de uma crítica a

---

([10]) *S. P. F., sein Leben...* — pág. 10.
([11]) Id., pág. 11.

Kant e a Descartes — à «similitude de doutrina das ideias transcendentais e das ideias inatas». Mas não estabelece a conclusão que Louzada de Magalhães lhe atribui. Pelo que há aqui, no mínimo, uma confusão.

Acerca da origem das ideias refere Silvestre Pinheiro Ferreira a discordância entre os próprios psicólogos, conduzindo a três correntes psicológicas diferentes: os que falam em Psicologia empírica e racional, os que consideram a Psicologia como um emaranhado de conhecimentos empíricos, e os que a encaram como uma ciência puramente racional, «já que todas as nossas ideias, todos os nossos conhecimentos existem em nós, servindo os estímulos do mundo exterior para os despertar» (12). Embora diferentes, as três Escolas concordam na aceitação da existência de algumas ideias no espírito, de que porém se não tem consciência enquanto não despertas pela acção do mundo exterior sobre os sentidos. Há contudo conceitos cuja origem se não pode buscar na sensibilidade — conceitos esses que, inclusivamente, possibilitam a existência de sensações: tais são os conceitos tradicionais de ordem, beleza, grandeza, bondade, justiça, aos quais se vieram juntar, mais recentemente, os de espaço e tempo. Inclusivamente, «um filósofo dos nossos dias refere aqui o conceito de «eu» como origem de todos os outros (...) quando, afinal, são o resultado da acção dos objectos exteriores a nós sobre os nossos sentidos, ou conhecimento destas ideias, transmitidas pelo entendimento». Louzada de Magalhães afirma serem estas as palavras de Silvestre Pinheiro Ferreira — sem contudo especificar onde, apesar de referir, (sem localização), o «Précis...». Pelo que é possível pensar que esta seja a sua interpretação. Estudando na Alemanha, orientado por professores alemães, é compreensível que não tenha podido (ou, até, pretendido) captar o pensamento de um autor confessadamente anti-kantiano (e dos sucessores de Kant), que reduz as formas kantianas de espaço e tempo às definições leibnizianas de contiguidade e sucessividade — noções, aliás, marcadamente aristotélicas. É notória a intenção de aproximar, de «comprometer» Silvestre Pinheiro Ferreira com Condillac, inclusivamente acusando-o de ser «inconsequente» — o que não aconteceria «se se tivesse

---

(12) *Essai...*, pág. 142.

separado linguagem e razão, se não se tivesse sempre identificado a capacidae de pensar racionalmente com a de falar» (13). Tanto mais que os próprios raciocínios são expressos por meio da palavra escrita ou falada, e também é por meio da palavra que se reflecte e se chega a conclusões. Para evitar cair nos velhos erros, teria sido conveniente pensar na interrogação, tantas vezes feita e nunca respondida, do que quer dizer que «o nosso espírito contém conceitos que não conhece, possui ideias de que não tem consciência, quer dizer, de que não faz qualquer ideia» (14).

Relativamente à essência das ideias, Louzada de Magalhães recorre de novo ao «Précis...» (e de novo também sem identificação de página): «por ideia entende-se a sensação que permanece no espírito depois de o objecto ter excitado os órgãos sensoriais externos. As ideias dividem-se em materiais e intelectuais» — depois do que passa a referir a associação (que se não deve confundir com a «composição») e que pode ser de três espécies: a que é causada por objectos apreendidos pela vista; a que parte da alma, que ouve designar os objectos; e a que provém do contacto entre as duas anteriores. «Assim os objectos, ao afectarem os nossos sentidos, provocam sensações; e estas, ideias.» (15). Ora estas mesmas concepções, expressas por estas mesmas palavras, encontram-se no «Essai...» (pág. 20), bem como na Nota VIII, relativa ao parágrafo 40 (pág. 144). Outra confusão do autor?

A distinção que Silvestre Pinheiro Ferreira estabelece entre «sensação» (ideia provocada pela presença do objecto) e «recordação» ou «representação» (quando o objecto está ausente) é remetida para o «Précis...» (novamente sem indicação de página); mas a mesma encontra-se, de facto, no «Essai...» (pág. 32).

Verifica-se que, afinal, a obra que Louzada de Magalhães apontara como sendo a base do seu trabalho acaba, a maior parte das vezes, por ser preterida. Para o que se não vislumbra explicação plausível, e é, no mínimo, estranho.

O ponto seguinte focado por Louzada de Magalhães é o das relações entre raciocínio e linguagem. Considerando o homem como

---

(13) *S. P. F., sein Leben...* — pág. 46.
(14) Id., pág. 47.
(15) Id., pág. 48.

animal simbólico, é por símbolos (que substituem os objectos) que o homem pensa. Símbolos que são, a maior parte das vezes, palavras; pelo que os nossos juízos se apoiam na identidade (ou diferença) de palavras, a partir das quais concluímos pela identidade (ou diferença) dos objectos. Pensar é raciocinar, e qualquer que seja o método escolhido — analítico ou sintético — o conhecimento só é possível com o contributo da linguagem. Se são os factos que estão na base de qualquer conhecimento, este, contudo, só se dá por meio de uma nomenclatura adequada — o facto, sem nome que lhe corresponda, nem sequer tem existência. Mas também os restantes elementos que Silvestre Pinheiro Ferreira considera como constitutivos de qualquer ciência — sistema, teoria e método — estão dependentes da linguagem em que se exprimem. Daí que ele considere que uma ciência será tanto mais perfeita quanto mais completa e adequada for a sua nomenclatura. E de novo o «Précis...» é invocado — quando, afinal é o «Essai...» que se inicia precisamente com esta temática (pág. 1-6); e chamando a atenção, inclusivamente, para a insuficiência de nomenclatura das ciências matemáticas que, sendo consideradas as mais perfeitas, não hesitam em atribuir a uma expressão mais do que um sentido. Por exemplo: as expressões + (mais) e − (menos) admitem nada menos que oito definições. E também não hesitam em «pedir palavras emprestadas» à linguagem vulgar, «poluindo a ciência sem a tornar mais avançada». Ao misturarem a linguagem metafísica com expressões de cálculo deram origem a um «bizarro mosaico», que apenas pode conduzir a expressões falsas ou duvidosas («Essai...» pág. 74) — e fazem com que a Matemática seja «inferior» às ciências físicas e morais, já que só a riqueza de nomenclatura permite tirar proveito das observações e evitar as confusões que derivam das más condições de expressão das nossas ideias.

Para além de, frequentemente, nos aparecer uma citação não devidamente identificada, acontece ainda haver casos de omissão até do título da obra em que ela se encontraria. Assim, e relativamente às Ciências da Natureza, escreve em «Nota» (pág. 27): «pergunta-se por que razão os corpos caem na vertical, obtém-se por resposta que tal acontece devido à força da gravidade. O que é o mesmo que dizer, «porque sempre se observou que corpos abandonados a si próprios caem no solo. Resposta que não é melhor que a explicação do horror vacui». E aqui, apesar das aspas indicadoras de citação, e da

referência expressa a Silvestre Pinheiro Ferreira, nada mais é acrescentado relativamente ao local onde tais afirmações se poderão encontrar.

A exposição continua com a análise da «definição» — tema também cuidadosamente tratado por Silvestre Pinheiro Ferreira, numa linha claramente aristotélica, bem como com a referência às «tabelas sistemáticas»: de Ontologia, de Psicologia e de Ideologia, nada mais que curtas expressões destinadas a facilitarem a ordenação das matérias em causa.

Terminada a exposição do tema, Louzada de Magalhães entra em considerações sobre a filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira relativamente aos problemas nela abordados, de natureza psicológica, moral e lógica. Parece-lhe ver, nas suas obras, «mais o escritor que se dedica à Filosofia do que o filósofo propriamente dito» (pág. 64): os seus pontos de vista representam o resultado de algumas trabalhosas investigações que se caracterizam mais pela concisão do que pela profundidade. Concorda com Lopes Praça, que também considera que o resultado não corresponde às expectativas. A sua filosofia não chegou a amadurecer — as suas muitas e variadas tarefas como publicista e homem público não permitiram a realização, como filósofo, das esperanças a que dera azo quando ainda jovem professor em Coimbra. Mas o que o caracteriza e torna original é a tentativa de elevar o nível intelectual da sua Pátria, aconselhando e divulgando estudos filosóficos, fazendo-os frutificar, na prática, através da sua própria acção. Preocupa-se sempre em indicar os nomes dos seus mestres — de Aristóteles e Cícero a Bacon, Locke, Leibniz e Condillac (por despropositado que pareça este conjunto). Estranha que Platão seja mencionado uma única vez, «porquanto sabemos que ele pretendeu fazer a ligação da filosofia platónica à de Aristóteles», pois encontra uma coincidência de pontos de vista entre o platonismo e a doutrina peripatética — sem que, contudo, esta «coincidência» seja melhor especificada. E chama ainda a atenção para a influência da «lingua characteristica universalis» nas tabelas sistemáticas, a partir das quais se poderia «filosofar com números» — tabelas estas que, «elaboradas de acordo com o sensualismo têm, pelo menos, interesse filosófico e são de grande proveito para o estudo comparativo das expressões dos diferentes idiomas» (pág. 67).

Onde, porém, Silvestre Pinheiro Ferreira lhe parece ser mais vulnerável, menos digno de crédito, é no facto de aceitar sem discussão as doutrinas de Condillac — o que, aliás, não corresponde à realidade, e até irá ser referido mais adiante, na própria Tese em questão (pág. 71).

Também as concepções morais de Silvestre Pinheiro Ferreira se ligam às de Condillac — ou mais ainda, talvez, às de Bentham, que desenvolve no seu «Cours de Droit» — obra até aqui nem sequer mencionada, e também não devidamente identificada. A fundamentação da Justiça e do Bem baseiam-se no interesse da maioria: será bom e justo o que serve o interesse do maior número de pessoas; «o Direito é sempre aquilo que, em qualquer circunstância, se pode reconhecer como o mais útil ao homem e ao cidadão de acordo com a sua natureza ou a determinação da sociedade». Acrescentando ainda que «deve-se examinar se o acto de que se trata acarreta, em última instância, o maior bem possível tanto para a sociedade em geral como para cada indivíduo». O que naturalmente, apesar de todo o idealismo e boa vontade, representa uma lacuna — já que nunca é possível produzir a prova correspondente.

Relativamente à Metafísica, Louzada de Magalhães considera que, nesta como noutras obras, a mesma é apenas «superficialmente abordada» — o que é tanto mais de reparar quanto é certo não se coíbir Silvestre Pinheiro Ferreira de usar de rigor nas críticas que ele próprio faz, usando implacavelmente a frase de Fontenelle «celui qui n'est pas bien intelligible, ce n'est pas bien intelligent!» — reparo que, aliás, será de fazer não só em relação à Metafísica, mas também relativamente às suas críticas veementes a pensadores que para sempre marcaram o pensamento filosófico, como Kant, Fichte, Schelling ou Hegel. Com efeito, todos estes autores, cuja força de pensamento pareceu, por vezes, mudar o mundo, são linearmente postos de parte porque não eram «claros», ou compreendiam-se mal. Mais ainda: confessa abertamente que, apesar de não compreender o criticismo, o racionalismo ou o transcendentalismo, vê, contudo, que é confuso, superficial, uma mistura das mais diversas teorias. E sempre que fala em «ideias» usa a imagem da estátua de Condillac, para demonstrar como as adquirimos e como se formam as nossas faculdades. Mas, também na esteira de Condillac, mostra apenas os resultados, esquecendo o funda-

mental, ou seja, qual a espécie de sensação que nos leva a reconhecer uma causa.

É ainda recorrendo ao exemplo da estátua que explica o papel dos sinais nas operações do pensamento: compara o processo do pensamento racional com o das operações aritméticas — como Hobbes também já fizera — aplica os processos das operações algébricas à Metafísica e encontra por fim na linguagem o meio indispensável à actividade intelectual do homem. Aliás, ao encarar os nomes e os sinais como elementos do pensamento racional, usados de dois modos diferentes (análise e síntese) para obter conhecimentos, critica expressamente Condillac que, ao considerar a análise como a única luz capaz de iluminar o escuro labirinto da especulação, não teria apreendido a essência do método sintético — posição que Louzada de Magalhães afirma estar contida no «Essai...» (sem, no entanto, a localizar) mas que não corresponde, de facto, ao texto eventualmente visado. Condillac — bem conhecido de Silvestre Pinheiro Ferreira — referiu a complementaridade da análise e da síntese na investigação. Existem, de facto, nas suas obras, contradições, por vezes mesmo infidelidade aos seus próprios princípios — mas isso não teria sido criticado por Silvestre Pinheiro Ferreira.

Verifica-se que Louzada de Magalhães, embora afirme, no início do seu trabalho, não ser possível conhecer convenientemente o pensamento de Silvestre Pinheiro Ferreira, dada a escassez de fontes de que dispunha, não se coíbe de tirar conclusões que nem sempre se coadunam com as fontes indicadas — nomeadamente o «Essai...» — nem parece ser muito exacto nas afirmações que faz e nas citações que usa — estas, nomeadamente, ou sendo atribuídas a uma obra e pertencendo a outra, ou, se localizadas, não correspondendo à indicação dada. Se, de facto, conhecia o «Essai...», não foi muito perspicaz ou, até, cuidadoso no uso que dele fez. Pretendeu ligar Silvestre Pinheiro Ferreira ostensivamente a Condillac, não só ignorando as críticas feitas como, pior ainda, atribuindo-lhe falta de compreensão (ou desconhecimento) do autor que tanto o influenciou — embora sem o marcado carácter de exclusividade que das mesmas críticas ressalta. O aristotelismo de Silvestre Pinheiro Ferreira, por exemplo, não aparece referido — nem o desconhecimento do mesmo, que o nosso autor atribui a Condillac.

Insiste, sim, no facto de ele permanecer discípulo e seguidor de Condillac, apesar das inconsequências da sua filosofia — vendo, aliás, nisso, até, «originalidade».

A importância que Silvestre Pinheiro Ferreira atribui à linguagem e a necessidade de desenvolver uma nomenclatura clara e adequada fôra já entrevista por Locke; e Condillac admitira também que uma ciência mais não é que uma linguagem bem feita. Ao passar em revista as ciências, e reconhecendo a insuficiência de nomenclatura das ciências matemáticas e da natureza, não as deveria sequer ter considerado como ciências, já que a falta de nomenclatura adequada seria o suficiente para as impedir de atingirem este estatuto.

Relativamente aos outros elementos necessários à constituição de qualquer ciência, encarou Silvestre Pinheiro Ferreira o método como sendo a sua filosofia. A filosofia de uma ciência, mas não a Filosofia da Ciência. Confusão que também se manifesta na sua definição de Filosofia em geral: a co-presença destes cinco elementos — factos, nomenclatura, sistema, teoria e método — de que ele a faz derivar é, quando muito, o que se pode entender por uma filosofia, mas não pela Filosofia.

Os pontos de vista mais interessantes da filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira são sempre coincidentes com os de Condillac — insiste Louzada de Magalhães. Nem o método de Bacon, nem o nominalismo de Hobbes, nem o empirismo de Locke o foram inspirando pouco a pouco, mas sim o sensualismo de Condillac, no qual confluem elementos de todas estas correntes referidas. Afirma até que, se Silvestre Pinheiro Ferreira não seguisse Condillac, trilhando contudo, uma direcção sensualista, ficaria incompleto; mas avançar, mesmo só um único passo, mantendo uma posição sensualista, acarretar-lhe-ia a designação de céptico, ou materialista — o que ele sempre temeu, e evitou cuidadosamente. O sensualismo, forma teórica e nobre de materialismo, não parte deste, mas facilmente lá chega, sendo, inclusivamente, levado a negar princípios, ou ideias fundamentais tais como Deus, a alma, o dever, a justiça, a liberdade de ideias, tal como normalmente são encaradas; e, não o fazendo, a provocar um subjectivismo cego. Mas Silvestre Pinheiro Ferreira não enveredou por esse caminho. Con-

denando a filosofia do séc. XVIII sobretudo devido às consequências políticas que acarretou, vendo nos filósofos os inimigos da religião e de qualquer ordem moral, social ou política, encara Condillac como o espírito mais justo e brilhante que no século anterior contribuira para o progresso da boa Filosofia. Pelo que se considera dispensado de condenar a filosofia sensualista, de cujos limites saíu e fora da qual não pode ser julgado.

Também a forma, sustenta Louzada de Magalhães, não é o forte de Silvestre Pinheiro Ferreira. Nas obras consultadas, verificou que ele se limita a expor princípios fundamentais e problemas elementares de uma forma pouco atraente e, até, insuficiente. No «Précis d'un Cours de Philosophie», a Ontologia é reduzida a conceitos gerais e tratada em trinta e seis páginas. A Psicologia e as faculdades da alma encontram-se, juntamente com a sensibilidade e a espontaneidade, em catorze páginas, e a teoria das ideias, em ligação com a faculdade de pensar, quer dizer, com a inteligência e a razão, é contemplada com setenta e seis páginas — nas quais inclui, ainda, algumas questões de Lógica. Seguem-se, por fim, cento e tal páginas de Notas, a que ainda se acrescenta um longo índice de matérias, tabelas e respectivas Notas.

Pior ainda é o caso do «Essai sur la Psychologie»: organizado em duas partes, tratando uma de classificação das ciências psicológicas, e a outra da Psicologia em geral, perfaz 126 páginas. Nelas toca em variadíssimos assuntos, aos quais faz anotações e acrescenta citações — para o que necessita de mais 337 páginas, ou seja, quase o dobro da extensão do texto. E é precisamente nas Notas que, frequentemente, se encontra mais interesse; o que, porém, também dificulta a compreensão, dada a necessidade de constantemente interromper a leitura do texto para consulta daquelas.

A partir das obras estudadas, e porque muito poucas, não se sente Louzada de Magalhães autorizado a emitir um juízo sobre a filosofia nelas contida. Mas tem esperança de, com o seu trabalho, despertar noutros o desejo de, por sua vez, a aprofundarem — o que diminuiria a ingratidão que da Pátria o autor recebeu. As suas obras rapidamente se esgotaram, apenas restando alguns exemplares como recordação. De resto, nenhuma obra dele se ocupa. Embora a sua filosofia, em si mesma, não apresente qualquer

novidade, e pouca influência tenha exercido em Portugal, por ter encontrado um campo pouco trabalhado e quase estéril, tem contudo o grande mérito de ter tomado um rumo próprio e procurado ser útil, dentro e fora do País. Um talento flexível, multifacetado, um espírito permanentemente activo, uma invulgar natureza que com facilidade aderia a perspectivas novas e as assimilava — eis as facetas principais do homem, do político-filósofo e do filósofo-político, do publicista e do jurisconsulto que começou a sua carreira com um trabalho sobre a pantomina e a terminou com outro sobre Teologia. Mutação — se assim se pode dizer — estranha, extraordinária para alguém que, como Silvestre Pinheiro Ferreira, desde bem cedo se propôs como objectivo a busca da verdade.

Cerca de 110 anos passados sobre a apresentação desta Tese, ei-la escapando ao pó da biblioteca universitária em que jazia, para trazer aos sucessores daqueles que Louzada de Magalhães acusa de ingratidão notícia desse português ilustre, que a Europa conheceu e honrou, mais, talvez, que os seus próprios concidadãos.

Não se pode afirmar que se trate de um trabalho notável: deixa muitas perguntas em aberto, suscita dúvidas, é bastante limitado, superficial, inexacto. As suas críticas parecem decalcadas das de Lopes Praça. Dele diz Lothar Thomas: «Trata-se de uma dissertação que (...) contém uma tentativa, insuficiente (...) de nos dar a ambicionada visão de conjunto. (...) Mas este ensaio, o único, até hoje, em língua alemã, capaz de chamar a atenção do mundo culto para a Filosofia Portuguesa, pode considerar-se como não existente, pois nada de novo trouxe.».

Talvez não seja bem assim: quanto mais não fosse, este trabalho tem a curiosidade de ter sido o primeiro que sobre a vida e a obra de Silvestre Pinheiro Ferreira foi composto. E se é imperfeito, incompleto e apresenta lacunas, dá-nos a oportunidade de fazer melhor. Pelo menos um dos seus objectivos foi atingido: chamar a atenção para o pensador português que introduziu a Filosofia Moderna em Portugal.

Maria Elsa Pregitzer